

Frente deve disputar FHC, diz Buaiz

Governador defende nova aliança para tirar o presidente dos braços dos liberais

Rodrigo Mesquita
do Rio

Formar uma aliança de centro-esquerda para oferecer ao presidente Fernando Henrique Cardoso uma alternativa de governo social democrata. "O presidente é social democrata, mas o governo não é. Os liberais puxaram o governo", diz o governador do Espírito Santo, Vitor Buaiz. Recém-saído do Partido dos Trabalhadores, Buaiz, em entrevista a este jornal, defendeu um acordo amplo dos setores de esquerda, incluindo o centro, para tirar o atual governo dos braços do liberalismo.

"Existem setores descontentes, dentro do PSDB, com as prioridades do governo". São pessoas, diz ele, que acham que Fernando Henrique inverteu as prioridades do ideário social democrata. "Há economistas no PSDB que não acham que a única solução possível para a crise dos bancos seja, necessariamente, o Proer".

Buaiz, que ainda não decidiu para onde irá depois de deixar o PT, tem conversado, nos últimos tem-

pos, com o senador Roberto Freire (PPS-PE). Freire está em campanha pela criação de um novo partido, de centro-esquerda, que abrigaria tanto os descontentes do PSDB como centristas do porte do ex-presidente Itamar Franco. Buaiz acha que não é o caso de se criar uma nova legenda. "Não há tempo para isso e são muitas as estrelas", explica o governador.

Mas há o imperativo, segundo ele, das esquerdas buscarem a unidade em torno de um programa comum. Na visão de Buaiz, portanto, não é a hora de se discutir, como vem fazendo o PT, PSB, PDT e o PC do B, a alternativa de uma candidatura única de esquerda para 1998. "Temos que discutir, primeiro, qual é o projeto para as eleições de 1998".



Vitor Buaiz

Esse programa mínimo diz, tem que abordar pelo menos quatro pontos. O papel do estado; o uso dos recursos públicos, a formação de uma aliança política com base no princípio ético e a prioridade do interesse nacional sobre as divergências locais. Ao enumerar essas questões, Buaiz parte de sua própria experiência como gover-

nador e do trauma que o levou a deixar o PT dominado, no Espírito Santo, pela ultra-esquerda ligada ao funcionalismo público.

Mas é essa, também, uma plataforma capaz, imagina o governador, de atrair para a discussão o próprio PT, sem o qual um projeto de esquerda dificilmente teria chances. Por isso o olhar atento para a convenção nacional do par-

tido, que acontecerá no Rio na próxima semana. Buaiz espera que, na disputa pela presidência da sigla, vença o moderado José Dirceu, que concorre com o deputado Milton Temer (PT-RJ), ligado aos setores que forçaram sua saída do partido. "Se o Dirceu ganhar, são boas as chances de o PT voltar para essa discussão", supõe.

A polarização entre os dois setores em que se divide o PT já saiu, hoje, da esfera partidária e contamina, na sua avaliação, a Central Única dos Trabalhadores (CUT). "É o mesmo problema. A prioridade do trabalhador é a defesa do emprego a qualquer custo. E vale até aceitar a redutibilidade do salário durante um período de transição". Foi a defesa desse tipo de posição que forçou o presidente reeleito da CUT, Vicente Paulo da Silva, o Vicentinho, a aceitar uma solução de compromisso onde teve os poderes reduzidos e passou a ser controlado pelos setores avessos a soluções de compromisso no mundo do trabalho.